

[(1882), *A Republica Federal*, ano III, n.º 114, 27 de Junho (Ponta Delgada)]

DARWIN E AS SUAS TEORIAS.

(A propósito do artigo do mesmo título do Sr. Sanches de Gusman)

Deixando atrás tudo quanto o Sr. Gusman avança por si ou por excertos deslocados de autores de reconhecido mérito, começaremos a ocuparmos do seu artigo, quando ele passa «à análise do sistema» e diz o que seja *selecção natural e luta pela existência*.

Não nos admira que o Sr. Gusman queira «encarar à luz da razão», e mesmo da fé, princípios que precisam meditados à luz da ciência; o que nos admira é que queira tratar assuntos desta natureza - julgar um sábio e as teorias que elaborou durante uma longa vida de trabalho assíduo - de cor.

E que outra coisa se pode julgar do seguinte período?

Denominam selecção natural uma força atractiva que, residindo em dois ou mais corpos orgânicos, mutuamente os aproxima, os une, e produz um terceiro corpo, de uma nova espécie, ou semelhante a ambos ou somente a um deles.

Quem escreve isto tem licença para dizer tudo de Darwin e de o filiar em qualquer teoria, atomística ou não, da antiguidade e até da posteridade.

Selecção natural é uma força atractiva (!) que une corpos orgânicos para produzir (procriar!?) um terceiro. Não pode dar-se maior confusão de ideias, mais crassa ignorância do assunto!

Pois o Sr. Sanches que tanto tem escrito sobre a descendência do homem em refutação do darwinismo, ainda não pescou, por aqui ou por ali, que a selecção natural é uma operação de escolha (selecção), assim como quem separa a boa da má semente, que a natureza (natural) faz pela eliminação dos seres mais mal constituídos, ou porque são vencidos na *luta pela existência* pelos mais hábeis, que lhes disputam os meios de subsistência, que não chegam para todos, ou não são sacrificados pelo meio ambiente ao qual se não podem adaptar; vindo, assim, a vencer na luta pela existência só os animais mais bem preparados ou mais bem dotados para a luta com os outros animais e para a adaptação do meio em que vivem?!

É na realidade para lamentar que tenha sacrificado tanto trabalho, digno de melhor sorte, sem se preparar para uma discussão, crítica ou o que quer que seja, que parecia seria.

Assim como deixamos atrás a primeira parte do artigo, aquela em que aquilata Carlos Darwin e lhe forma a árvore de geração científica, também aqui saltamos uns castelitos que fundou naquela sua *selecção natural* por terem o simples defeito de assentarem no ar ou, como dizem os franceses, estarem feitos em Espanha.

Passemos a admirar esta outra definição:

Com efeito a luta pela existência é o direito que se diz assiste a todo o ser orgânico para se apropriar de tudo aquilo de que carece para satisfação das suas necessidades.

Nós, parodiando o Sr. Sanches, diremos – ora à face destas asserções foge o bom senso espavorido e desmorona-se a ciência com tanto custo investigada pela humanidade.

Pelo modo o Sr. Sanches ouviu dizer que Carlos Darwin escreveu os direitos do animal sobre a base da *luta pela existência* e que no artigo 1º estabeleceu – o mundo será, de ora em diante, de quem mais apanhar.

Olhe que o enganaram Sr. Sanches, alguém abusa da sua boa fé para lhe meter na cabeça esses terrores pelos seus teres e haveres; Darwin só descobriu princípios que o levaram a estabelecer a teoria científica da evolução, que à medida que se vai comprovando todos os dias, vai, ao mesmo tempo, orientando os esforços dos homens de saber na investigação de grande número de cientistas; ele não tratou de direito, nem inventou aquele princípio; descobriu-o pela *investigação e indução dos factos*.

Responsabilizar um sábio pelas consequências das suas descobertas, seria o mesmo que responsabilizar a polícia pelos roubos e assassinos que ela descobrisse. Um sábio não cria como qualquer demiurgo, nem inventa por simples raciocínio, como qualquer metafísico, nem vaticina como qualquer Cassandra ou vidente; ele só regista o que pode perceber no grande livro da natureza. Portanto, se na natureza existe a *luta pela existência*, porque não é possível a existência para todos os que nascem, pela falta de subsistências suficientes; se daqui resulta uma escolha feita pela própria natureza das coisas, que só deixa escapar os animais mais bem dotados para a luta, e mais fáceis de se adaptarem ao meio em que existem ou a *selecção natural*; se deste facto resulta, que só os animais bem constituídos escapem e só se robusteçam e se fortifiquem pelo exercício as qualidades boas para a vida; se por *hereditariedade* estas qualidades se fixam e se aperfeiçoam produzindo a evolução para uma vida mais completa conforme a natureza do indivíduo, conforme o meio em que vive e conforme o género de vida que as suas necessidades lhe criaram, que mal que Darwin o dissesse e que o repitam aqueles que chegaram a compreendê-lo?

Acaso esta teoria explica a natureza sem dependência e mesmo sem concordância com a Bíblia? Neste caso sentimos que a Bíblia não esteja de acordo com a ciência ou antes com a natureza; paciência! Mas como os textos da natureza não comportam falsificação, fiar-nos-emos mais neles do que em qualquer velho códice, que nem a traça respeita.

Acaso essa teoria vai ferir velhos sonhos de fadas com que nos embalaram, e que nos eram conforto e esperança neste vale de lágrimas? Embora, antes conhecer a verdade a tempo do que viver enganado toda a vida.